

Alomorfia dos prefixos pessoais de posse nominal da língua Mundurukú (Tupí)

Allomorphy of personal prefixes of nominal possession of the Mundurukú language (Tupian)

Natali Nóbrega de Abreu¹
ORCID: 0000000159801521

Gessiane Lobato Picanço²
ORCID: 0000-0001-5699-1470

DOI: 10.26512/rbla.v14i1.43269

Recebido em maio/2022 e aceito em julho/2022

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de aspectos morfofonológicos envolvendo marcadores de pessoas em construções possessivas em Mundurukú. Mundurukú é uma língua tupi falada no Brasil. Trabalhos anteriores, como Crofts (1984/2004), Gomes (2006) e Picanço (2005), relatam a existência de marcadores de pessoas, que se alternam dependendo da classe de nomes (alienáveis ou inalienáveis) e do segmento inicial do substantivo. No entanto, este trabalho mostra a ocorrência de mais alomorfes do que o que foi relatado anteriormente para a língua. Constatamos que no Mundurukú há alternâncias automáticas, ou seja, alternâncias motivadas por condições puramente fonológicas, além de alternâncias morfofonológicas, ou seja, motivadas pelo componente morfológico ou lexical. Descobrimos que a 3ª sg/pl tem o maior número de alomorfes e é governado principalmente por critérios morfofonológicos. Os marcadores de outras pessoas, por outro lado, são alternâncias automáticas, motivadas pelo segmento inicial do nome, bem como pelos padrões silábicos.

Palavras-chave: Mundurukú. Alomorfia. Prefixos. Nomes. Condicionamento.

Abstract

This paper offers an analysis of morphophonological aspects involving person markers in possessive constructions in Mundurukú. Mundurukú is a Tupian language spoken

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: natali.nobrega1992@gmail.com

² Doutora em Linguística pela University of British Columbia, Canadá) e Pós-doutora pelo Laboratoire Dynamique du Langage (CNRS), em Lyon, França. Professora Associada da Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPA. E-mail: picanco.g@hotmail.com

in Brazil. Previous works, such as Crofts (1984/2004), Gomes (2006) and Picanço (2005), report the existence of person markers, which alternate depending on the class of names (alienable or inalienable) and the noun's initial segment. However, this work shows the occurrence of more allomorphs than what has been previously reported for the language. We found that in the Mundurukú there are automatic alternations, that is, alternations motivated by purely phonological conditions, in addition to morphonological alternations, that is, those motivated by the morphological or lexical component. We found that the 3rd sg/pl has the highest number of allomorphs and it is mostly governed by morphonological criteria. The other person markers, on the other hand, are automatic alternations, motivated by the name's initial segment as well as the syllabic patterns.

Keywords: Mundurukú. Allomorphy. Prefixes. Names. Conditioning.

Introdução

A língua Mundurukú é falada pelo povo de mesmo nome que se autodenomina *Wÿjÿyÿ*. A população é estimada em 13103 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2021). Os Mundurukú estão distribuídos em três regiões: no Rio Tapajós, mais precisamente no sudoeste do estado do Pará (municípios de Itaituba e Jacareacanga); a leste do estado do Amazonas (rio Canumã, município de Nova Olinda; e próximo ao município de Borba); e no norte do estado do Mato Grosso, na região do rio dos Peixes, município de Juara, segundo o Instituto Socioambiental (ISA 2021).

Trata-se de uma língua do tronco Tupí que pertence, juntamente com o Kuruaya, à família linguística Mundurukú (Rodrigues 1986). O povo Mundurukú do Amazonas, residente da Terra Indígena Kwatá-Laranjal, já não fala sua língua materna há pelo menos três gerações (Borella e Santos 2011), porém, na região do Pará, onde reside a maior parte deles, a língua é preservada e transmitida para as novas gerações.

Neste trabalho apresentaremos os resultados obtidos em nossa pesquisa a respeito dos prefixos pessoais relacionados aos nomes da língua Mundurukú e discutiremos alguns aspectos da interação dos componentes fonológico, morfológico e semântico nos prefixos pessoais desta língua. Buscamos também apresentar nossa proposta de classificação das alomorfias encontradas nesses prefixos.

1. Alomorfia

Alomorfia é definida como a variação fonológica de morfemas, e tem sido

reconhecida em diferentes escolas, desde o Estruturalismo (por exemplo, Harris 1942) até diferentes modelos gerativistas (Aronoff, 1976; Lieber, 1982; Anderson, 1992; Haspelmath, 2002, entre outros). Esses linguistas concordam que a alomorfia consiste na interação entre propriedades fonológicas e morfológicas e, através da comparação entre as formas alternantes, pode-se observar diferentes fatores envolvidos na escolha de uma forma, em vez de outra. Harris (1942), em sua discussão sobre morfemas alternantes, classifica três tipos de alternâncias. No primeiro tipo, as variantes são fonologicamente relacionadas e independem do tipo de morfema; ou seja, a alternância é determinada pela fonologia da língua, e qualquer morfema estará sujeito a ela, desde que satisfaça as condições estruturais exigidas. No segundo tipo, variantes são fonologicamente associadas, porém a alteração afeta itens ou grupos específicos de morfemas, havendo, portanto, influência tanto do componente fonológico (na distribuição) quanto do componente gramatical (na restrição de alvos). E no terceiro tipo, variantes são independentes do ponto de vista fonológico; ou seja, as alternantes não apresentam nenhuma similaridade fonológica e estão em mútua suplementação.

Haspelmath e Sims (2010) também reconhecem os mesmos tipos de alomorfia que Harris, mas classificam-nas em dois tipos de alternâncias, que denominam alternâncias automáticas e morfofonológicas. As alternâncias automáticas correspondem ao primeiro tipo identificado por Harris, e consistem em alternâncias condicionadas fonologicamente, já que variantes são foneticamente próximas; já as alternâncias morfofonológicas correspondem aos outros dois tipos descritos anteriormente, podendo ser condicionadas por morfemas ou por itens lexicais específicos:

Em alternâncias automáticas, as condições sob as quais ocorrem as alternâncias podem ser sempre descritas em termos puramente fonológicos. Nas alternâncias morfofonológicas, em contraste, as condições sempre têm um componente morfológico (e às vezes também lexical). (Haspelmath & Sims 2010: 214, tradução nossa)

As alternâncias fonológicas, segundo esses autores, são sempre foneticamente coerentes, enquanto que as alternâncias morfofonológicas podem não ser. Além disso, eles consideram esta classificação com base na obrigatoriedade da mudança em relação ao estilo da fala (alternâncias automáticas podem ser opcionais, já as morfofonológicas não são). Neste trabalho adotamos a classificação de Haspelmath e Sims (2010) para a análise que aqui será apresentada, pois julgamos que é a que melhor se adequa às alomorfias encontradas na língua Mundurukú.

2. Inventário segmental da língua mundurukú

As variantes dos prefixos pessoais em construções possessivas estão diretamente ligadas ao segmento inicial do nome. Desse modo, apresentamos primeiramente o inventário de segmentos em Mundurukú. Em relação às vogais, a língua contrasta cinco qualidades vocálicas, /i e ə a o/; no entanto, para cada uma dessas vogais, há uma correspondente nasal, uma laringalizada e uma nasal laringalizada, como mostra o quadro a seguir:³

Quadro 1: Inventário fonológico das vogais da língua Mundurukú

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i/ ĩ/ ĭ/ ĩ̃		
Média	e/ ě/ ɛ/ ě̃	ə/ ǣ/ ɜ/ ǣ̃	o/ õ/ ɔ/ õ̃
Baixa		a/ ǎ/ ǻ/ ǎ̃	

Fonte: Adaptado de Picanço (2005: 18)

Quanto ao inventário consonantal, a língua Mundurukú dispõe de 17 segmentos consonantais, que se organizam em cinco pontos de articulação (labial, alveolar, palatal, velar e glotal) e seis modos de articulação (oclusivo, africado, nasal, fricativo, vibrante simples e aproximante).

Quadro 2: Inventário fonológico das consoantes da língua Mundurukú

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/		/k/	/ʔ/
Africada			/tʃ/ /dʒ/		
Nasal	/m/	/n/		/ŋ/	
Fricativa		/s/	/ʃ/		/h/
Tepe		/r/			
Aproximante	/w/		/j/		

Fonte: Adaptado de Picanço (2012: 15)

Na ortografia Mundurukú, que será utilizada neste trabalho, as vogais /i e ə a o/ correspondem aos grafemas <i, e, u, a, o>, respectivamente; vogais

³ A vogal anterior média /e/ é foneticamente a média aberta [ɛ].

nasais recebem um til, <ĩ, ũ, ã, õ>, e a laringalização não é sinalizada. Já para as consoantes, estas são ortograficamente representadas por <b, c, d, h, j, k, m, n, ã, p, r, s, t, w, x, y, ’>. Os grafemas <c, j> correspondem às africadas /tʃ, dʒ/; <g> a /ŋ/; <x> a /ʃ/, <y> a /j/; e o apóstrofo <’> corresponde à oclusiva glotal /ʔ/. Quanto à estrutura silábica, segundo Picanço (2005), ocorrem os seguintes padrões: V, CV, VC e CVC. Cada um desses quatro padrões ocorre em posição inicial, média ou em final de palavras.

3. Tipos de posse e tipos de marcação pessoal em mundurukú

Nomes em Mundurukú podem ser classificados de acordo com o tipo de posse envolvida, que, de forma geral, os divide em obrigatoriamente possuídos, optativamente possuídos ou não possuídos (Crofts 1985). O primeiro grupo refere-se à posse inalienável, cuja relação entre duas entidades é inerente e indissolúvel, enquanto o segundo é de natureza alienável, ou seja, a relação entre dois referentes é transiente, adquirida (Chappel & McGregor, 1996). Segundo Nichols (1988), a distinção inalienável/alienável, além de ser um fenômeno semanticamente determinado, é também uma distinção morfossintática, estruturalmente marcada. Em Mundurukú, a posse inalienável é manifestada pela justaposição dos dois referentes, Possuidor e Possuído, como em (1a), enquanto a posse alienável é morfologicamente marcada pela presença pelo prefixo {e-}, acoplado ao nome possuído, ilustrado em (1b).

(1) a) Posse inalienável

ayacat pa	‘braço da mulher’
o-ba	‘meu braço’

b) Posse alienável

ayacat e-kobe	‘canoa da mulher’
w-e-kobe	‘canoa dele(a)’

No grupo de nomes inalienáveis encontram-se nomes que representam partes (do corpo ou outros seres), termos de parentesco, atributos e alguns objetos culturais (Picanço 2003). Esses nomes não ocorrem sem a presença do referente Possuidor, seja ele um Nome independente ou, em sua ausência, um prefixo marcador de posse. No entanto, a série de prefixos possessivos não é uniforme e tem sido utilizada para subdividir os nomes em classes, largamente associadas às variantes mórficas desses prefixos. Crofts (1985/2004) divide-os em três subclasses, como ilustrado no Quadro 3: a classe I corresponde aos nomes obrigatoriamente possuídos que iniciam

pelas consoantes /d/ ou /n/; a classe II à série de prefixos que acompanham nomes iniciados pelas vogais /a/ e /ə/; a classe III que se refere aos prefixos que acompanham nomes que iniciam pelos demais segmentos.⁴

Quadro 3: Marcadores pessoais de nomes segundo Crofts (1985/2004)

	CLASSE I	CLASSE II	CLASSE III	CLASSE IV
	-dao ‘perna’	-a’õ ‘voz’	-ba ‘braço’	-kobe ‘canoa’
1ª sg.	o-dao	w-a’õ	o- ba	we-kobe
2ª sg.	e-dao	Ø-a’õ	e-ba	e-kobe
3ª sg.	d-/n- → t-ao	y-a’õ	i-ba	ce-kobe
3ª ref.	je-dao	j- a’õ	je-ba	je-kobe
1ª pl.ex.	oce-dao	oce- a’õ	oce-ba	oce-kobe
1ª pl.in.	wuy-dao	wuy- a’õ	wuy-ba	wuye-kobe
2ª pl.	ey-dao	ey- a’õ ip	ey-ba	eye-kobe
3ª pl.	d-/n- → t-ao ip	y-a’õ ip	i-ba ip	ce-kobe ip

Fonte: Adaptado de Crofts (2004: 82)

Nota-se no quadro que a classe I deve-se à mudança das consoantes iniciais /d/ ou /n/ para /t/, na 3ª pessoa; a classe II dá-se pela manifestação das variantes /w-, y-/ de 1ª e 3ª pessoas, além da ausência do prefixo {e-} na 2ª pessoa; e a classe III pela ocorrência das formas-padrão. A classe IV é a dos nomes alienáveis, cujos prefixos aparecem combinados com o marcador de posse {e-}, o qual, nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural, funde-se à vogal do prefixo: {o-} + {e-} → {we-}, na 1ª pessoa; {e-} + {e-} → {e-}, na 2ª; {ce-} + {e-} e {je-} + {e-} formam {ce-} e {je-}, respectivamente; e, na 1ª pl.exc., {oce-} + {e-} → {oce-}. Na primeira pessoa do plural inclusiva (1pl.inc.) e na segunda pessoa do plural (2pl), o prefixo indicador de posse, {e-}, combina-se normalmente com os prefixos marcadores de pessoa.

A classificação proposta por Gomes (2006), diferentemente da de Crofts (1985), divide nomes inalienáveis em duas classes, porém, o autor ainda

⁴ As seguintes notações são utilizadas: 1 = 1ª pessoa; 2 = 2ª pessoa; 3 = 3ª pessoa; sg = singular; pl = plural; ex. = exclusiva; in. = inclusiva; ref. = referencial; Su = sujeito; Ob = objeto.

considera a distribuição dos marcadores pessoais como determinante. Para Gomes, não se tratam de prefixos, mas pronomes pessoais clíticos, com exceção do marcador de 3ª pessoa que, em sua análise, é um prefixo relacional de não contiguidade. Sendo assim, as classes de nomes são divididas de acordo com este prefixo relacional. Nomes pertencentes à classe I recebem a variante /y-/ do prefixo relacional, se iniciados por vogal, ou /i-/, se iniciados por consoantes diferentes de /d, n/. A classe II, por sua vez, recebe a marcação relacional {t-} e seus alomorfes, ocorrendo com nomes inalienáveis que iniciam por /d, n/. Quanto aos nomes alienáveis, o prefixo relacional correspondente é {ce-}.

Quadro 4: Marcadores pessoais de nomes segundo Gomes (2006)⁵

	Nomes inalienáveis			Nomes alienáveis
	CLASSE I		CLASSE II	
	Iniciados por vogal	Iniciados por outras consoantes	Iniciados por d ou n	
	-a'õ 'voz'	-ba 'braço'	-dao 'perna'	-kobe 'canao'
1ª sg.	w=a'õ	o=ba	o=dao	w=e-kobe
2ª sg.	a'õ	e=ba	e=dao	e-kobe
1ª pl.ex.	oce=a'õ	oce=ba	oce=dao	oce=kobe
1ª pl.in.	wuy=a'õ	wuy=ba	wuy=dao	wuy=e-kobe
2ª pl.	ey=a'õ ip	ey=ba	ey=dao	ey=e-kobe
3ª correferencial	j=a'õ	je=ba	je=dao	je=kobe
Relacional de não contiguidade	y-a'õ	i-ba	tao (<t-dao)	ce-kobe

Fonte: Gomes (2006: 22)

Comparando as classificações se observa que os autores se diferem quanto ao tratamento desses pronomes pessoais de posse. Enquanto Crofts (1985/2004) os designa como prefixos, Gomes (2006) os considera como clíticos, exceto pela 3ª pessoa que, para o autor, é um prefixo relacional. Mas,

⁵ Gomes também propõe um prefixo {Ø-}, que seria o marcador relacional de contiguidade, ocorrendo entre o clítico e o nome. Por exemplo, w=Ø-a'õ 'minha voz', a'õ (e<Ø=a'õ) 'tua voz' etc. Esse morfema Ø- foi omitido no quadro 4.

além disso, note que Crofts apresenta um grupo de pronomes exclusivos de nomes que iniciam pela vogal /a/ (com exceção de alguns nomes que iniciam pela vogal central média /ə/), outro exclusivo aos nomes inalienáveis que iniciam por /d, n/ e um grupo de prefixos que são usados para os demais segmentos (sejam eles vocálicos ou consonantais). Gomes, generaliza um grupo de pronomes possessivos que são usados com nomes inalienáveis que iniciam por qualquer vogal, outro grupo que se destina também aos nomes que iniciam por /d, n/, e um grupo que se destina aos nomes inalienáveis que iniciam pelos demais segmentos consonantais.

O presente trabalho leva em consideração essas divergências entre os autores, além do fato de os autores não classificarem outros prefixos pessoais que acompanham os nomes que também são encontrados na língua Mundurukú. Diferentemente dos trabalhos anteriores, nossa análise buscou classificar os prefixos pessoais de posse nominal quanto aos tipos de alternâncias e ao tipo de condicionamento de cada um como poderá ser visto na sessão seguinte.

4. Os alomorfes dos prefixos pessoais

Assim como Crofts (1985) e Picanço (2005) este trabalho também defende o tratamento dos marcadores pessoais de posse nominal como prefixos. Com base nos critérios de distinção entre clíticos e afixos de Haspelmath e Sims (2010: 202) consideramos que eles sejam prefixos por serem mais prosodicamente integrados às raízes nominais, além do fato de poderem desencadear ou passar por alternâncias morfofonológicas, ou supletivas, e, também, pela impossibilidade dos marcadores se movimentarem, já que sempre aparecem prefixados à base dos nomes.

A partir de nossa análise foi observado que na língua Mundurukú existem alternâncias automáticas, ou seja, que são motivadas por questões puramente fonológicas e há também alternâncias morfofonológicas motivadas pelo componente morfológico ou lexical.

A classificação proposta para os alomorfes considera os segmentos iniciais dos nomes inalienáveis (ver Quadro 5). Notamos a existência de alguns prefixos pessoais relacionados aos nomes que não foram abordados nos trabalhos anteriores, como, é o caso das variantes /wə-/ (escreve-se wu-), da 1^{sg}, e /sə-/ (su-), da 3^a pessoa, singular ou plural. Notamos também que as vogais não seguem o mesmo padrão para os paradigmas pessoais, ou seja, não há uma classe de paradigmas que seja exclusiva de nomes

que iniciam pela vogal /a/, como defendia Crofts (1985/2004). Cada vogal tem seu próprio padrão, diferenciando-se em pelo menos uma das pessoas gramaticais, e alguns ainda têm mais de um padrão, como é o caso dos nomes inalienáveis que iniciam por /e/ e pela vogal /i/. Os únicos prefixos que se mantêm estáveis em suas formas fonológicas são a 1pl. inclusiva e a 2pl.

Quadro 5: Resumo dos Prefixos pessoais da língua Mundurukú⁶

	Nomes inalienáveis								Nomes alienáveis
	-a	-e	-i	-i (pé)	-o	-u	-d/ -n	Demais consoantes	
1sg.	w-	o- /w-	wu-	wu-	o-	w-	o-	o-	w-e-
2sg.	Ø-	Ø-, e-	e-	e-	e-	e-	e-	e-	e-
3sg.	y-	i-/ c-	i-	su-	i-	y-	t-	i-	c-e-
1pl. ex.	oc-	oce- oc-	oce-	oce-	oce-	oce-	oce-	oce-	oc-e-
1pl. in.	wuy-	wuy-	wuy-	wuye-	wuy-	wuy-	wuy-	wuy-	wuy-e-
2pl.	ey-	ey-	ey-	eye-	ey-	ey-	ey-	ey-	ey-e-
3pl.	y- ip	i- ip	i- ip	su- ip	i- ip	y- ip	t- ip	i- ip	c-e- ip

Fonte: Abreu (2022, em progresso)

Haspelmath e Sims (2010: 214-217) oferecem uma série de características para distinguir entre alternâncias fonológicas e morfofonológicas que, resumidamente, são:

- i) As alternâncias automáticas estão sujeitas a condicionantes puramente fonológicas; as variantes são foneticamente coerentes, ou seja, o segmento afetado e seu substituto formam uma classe natural; esse processo tende a modificar apenas um traço distintivo; as alternâncias resultam de restrições que se aplicam a outros ambientes; podem gerar novos segmentos; podem se estender a empréstimos; podem ser opcionais e sensíveis ao es-

⁶ Os prefixos de 3ª pessoa singular e plural são os mesmos, exceto que, na forma do plural, a partícula {ip} acompanha a construção nominal; por exemplo, *y-a'a* 'cabeça dele(a)' / *y-a'a ip* 'cabeça deles(as)'.

tilo de fala e podem ocorrer em fronteiras de palavras.

- ii) As alternâncias morfofonológicas exibem um condicionamento que inclui um componente morfológico e até lexical; o segmento afetado e seu substituto não formam uma classe natural; a modificação sofrida no processo não se restringe a um único traço, ou seja, a mudança pode ser drástica; podem estar restritas somente a ambientes derivados; não geram novos segmentos, além dos já observados na língua; seus efeitos não precisam se estender a empréstimos; o processo não é afetado pelo estilo de fala e geralmente não ocorre em fronteiras de palavras.

Discutiremos a seguir como se comportam os alomorfes dos prefixos pessoais em construções possessivas em Mundurukú, com base nas características apontadas por Haspelmath e Sims (2010).

4.1. Alternâncias automáticas dos prefixos

Haspelmath e Sims consideram três tipos de condicionamentos que podem provocar a alomorfa de morfemas: fonológico, morfológico e lexical. O condicionamento fonológico, automático, é a mudança motivada fonologicamente, porque ela é facilitada quando o ambiente vizinho tem propriedades fonológicas que são determinantes para a mudança na forma do morfema, ou seja, são motivadas pela produção fonética.

A maior parte dos alomorfes de prefixos marcadores de pessoa apresentam as características, embora não todas, apontadas em alternâncias automáticas. Dentre estas destaca-se a observação de que a distribuição das variantes é somente fonológica e o segmento afetado e seu substituto formam uma classe natural. É o que se verifica com os prefixos {o-} ‘1sg’ e {i-} ‘3sg/pl’, diante de nomes iniciados pelas vogais /a/ e /ə/, cujo grafema é <u>. Os alomorfes correspondentes, /w-/ e /y-/, ocorrem com nomes inalienáveis que iniciam por essas vogais, como mostram os exemplos em (2).

(2) a) a’a	‘cabeça’	w-a’a	‘minha cabeça’
		y-a’a	‘cabeça dele(a)’
b) a’õpi	‘ouvido’	w-a’õpi	‘meu ouvido’
		y-a’õpi	‘ouvido dele(a)’
c) ukpu	‘cintura’	w-ukpu	‘minha cintura’
		y-ukpu	‘cintura dele(a)’
d) ãḡbi	‘coxa’	w-ũḡbi	‘minha coxa’
		y-ũḡbi	‘coxa dele(a)’

Nessas alternâncias as vogais /i, o/ dos prefixos tornam-se os glides /y-, w-/, respectivamente. No entanto, diante da vogal /e/, os alomorfes da 1sg, /o-, w-/, apesar de ocorrerem diante da mesma vogal, têm sua distribuição restringida pelo contexto silábico, também uma condicionante fonológica: a variante /o-/ é selecionada diante de nomes monossilábicos, em (3d-e), enquanto /w-/ ocorre diante de nomes com mais de uma sílaba, (3a-c), incluindo a vogal /e/ do prefixo {e-} em construções alienáveis (3f).

(3) a)	eta	‘olho’	w-eta	‘meu olho’
b)	etaxee	‘pálpebra’	w-etaxee	‘meu olho’
c)	etadop	‘genro/sogro’	w-etadop	‘meu genro/sogro’
d)	e	‘cigarro’	o-e	‘meu cigarro’
e)	ẽn	‘carne’	o-ẽn	‘minha carne’
f)	kobe	‘canoa’	w-e-kobe	‘minha canoa’

Nesse mesmo contexto, a 3ª pessoa comporta-se de outra forma, não sendo selecionada a variante /y-/, mas sim /i-/, independentemente do padrão silábico do nome (exemplos em (4)), com exceção de posse alienável e do nome {-eu} ‘pulmões’, cuja variante selecionada é de natureza morfofonológica (ver seção 4.2). Então, para o prefixo de 3ª pessoa, este não sofre alterações, mas sim causa uma alteração na raiz nominal.

(4) a)	eta	‘olho’	i-ta	‘olho dele(a)’
b)	e	‘cigarro’	i-e	‘cigarro dele(a)’
c)	ẽn	‘carne’	i-ẽn	‘carne dele(a)’

Dentre as alternâncias sofridas pelos prefixos {e-} ‘2sg’ e {oce-} ‘1pl. exclusiva’, a principal modificação dá-se por meio de uma regra fonológica de apagamento da vogal nesses prefixos, gerando os alomorfes Ø- para o primeiro, e /oc-/ para o segundo. Esse processo ocorre diante de nomes iniciados pela vogal /a/, como ilustrado em (5a-b), e também de /e/, em (5c), à exceção de nomes monossilábicos iniciados por /e/, (5d-e), nos quais as vogais originais dos prefixos são preservadas, estando sujeitas à mesma restrição silábica observada na 1sg.

(5) a)	a’a	‘cabeça’	Ø-a’a	‘tua cabeça’
			oc-a’a	‘nossa (exc.) cabeça’
b)	a’õpi	‘ouvido’	Ø-a’õpi	‘teu ouvido’
			oc-a’õpi	‘nosso (exc.) ouvido’
c)	eta	‘olho’	Ø-eta	‘teu olho’
			oc-eta	‘nosso (exc.) olho’
d)	e	‘cigarro’	e-e	‘teu cigarro’
			oce-e	‘nosso (exc.) cigarro’

e) ãn	‘carne’	e-ãn	‘tua carne’
		oce-ãn	‘nossa (exc.) carne’

A regra que provoca o apagamento da vogal /e/ do prefixo é uma restrição que também se aplica a formas verbais como, por exemplo:

(6) a) ajok	‘tomar banho’	Ø-ajok	‘Tomaste banho’
		oc-ajok	‘Tomamos (exc.) banho’
b) ajẽm	‘chegar’	Ø-ajẽm	‘Chegaste’
		oc-ajẽm	‘Chegamos (exc.)’

Dentre as características apontadas por Haspelmath e Sims (2010), observamos que as alternâncias automáticas desses prefixos não geram novos segmentos; ao contrário, todos os segmentos resultantes das modificações correspondem àqueles já presentes no inventário fonológico da língua. Em relação aos empréstimos, os nomes emprestados que requerem um possuidor, como termos de parentesco, sempre recebem a morfologia de nomes alienáveis; por exemplo, *we-koğada* ‘meu/minha cunhado(a)’ e *we-bay* ‘meu pai’. Também não temos muitas evidências de que as alternâncias discutidas aqui são opcionais ou sensíveis ao estilo de fala, nem que ocorrem em fronteiras de palavras. Em fala rápida, podem ocorrer variações nas pronúncias do prefixo {o-} em nomes monossilábicos, [we] ~ [ue] ~ [oε] ‘meu cigarro/tabaco’; já em fala mais cuidadosa, tem-se somente [u.ε] ~ [o.ε]. Esse caso é diferente da regra de apagamento do prefixo {e-} ‘2sg’, que é sempre obrigatória; isto é, não se observa a alternância *[eaʔa] ~ [aʔa] ‘tua cabeça’.

4.2 Alternâncias morfofonológicas dos prefixos

Uma alternância é considerada morfofonológica se a distribuição das variantes alomórficas tiver um condicionante gramatical ou lexical. O condicionamento morfológico corresponde à alternância da estrutura das palavras motivada pela presença de morfemas que, ao se combinarem, um provoca a mudança na estrutura do outro. O condicionamento lexical, por sua vez, corresponde à motivação determinada por itens lexicais, isto é, se aplica à itens lexicais específicos.

Segundo Haspelmath e Sims (2010), as variantes podem ter pouca ou nenhuma semelhança fonológica. O grau de semelhança entre as formas concorrentes é determinante para diferenciar entre a natureza morfofonológica e supletiva das variantes; quanto mais foneticamente

distantes forem as variantes, maior a possibilidade de serem classificadas como alomorfa supletiva. A alomorfa supletiva, por sua vez, é distinguida em dois níveis: forte e fraca. Alomorfa supletiva fraca consiste em formas que, apesar de diferentes, mantém algum tipo de similaridade fonética, mas a alternância não pode ser explicada fonologicamente; a alomorfa supletiva forte, por outro lado, é uma alternância de formas sem qualquer semelhança fonética ou fonológica.

Em Mundurukú, os alomorfes de prefixos observados em nomes que iniciam pela vogal /i/ exibem diferenças importantes. Primeiramente, é necessário distinguir o nome -i ‘pé’, e palavras derivadas a partir dele (por exemplo, -ida ‘calcanhar’), em (7), de outros nomes iniciados pela mesma vogal (por exemplo, -ixĩt ‘sobrinho(a)’), ilustrado em (8).

(7) Exemplos com o nome -i ‘pé’

a)	wu-i	‘meu pé’	wu-ida	‘meu calcanhar’
b)	e-i	‘teu pé’	e-ida	‘teu calcanhar’
c)	su-i	‘pé dele(a)’	su-ida	‘calcanhar dele(a)’
d)	wuye-i	‘nosso (inc.) pé’	wuye-ida	‘nosso (inc.) calcanhar’
e)	oce-i	‘nosso (exc.) pé’	oce-ida	‘nosso (exc.) calcanhar’
f)	eye-i	‘pé de vocês’	eye-ida	‘calcanhar de vocês’
g)	su-i ip	‘pé deles(as)’	su-ida ip	‘calcanhar deles(as)’

(8) Exemplos com outros nomes iniciados por /i/

a)	wu-ixĩt / o-ixĩt	‘meu sobrinho(a)’
b)	e-ixĩt	‘teu sobrinho(a)’
c)	i-ixĩt	‘sobrinho(a) dele(a)’
d)	wuy-ixĩt	‘nosso (inc.) sobrinho(a)’
e)	oce-ixĩt	‘nosso (exc.) sobrinho(a)’
f)	ey-ixĩt	‘sobrinho(a) de vocês’
g)	i-ixĩt ip	‘sobrinho(a) deles(as)’

Nota-se que o nome que denota “pé” é responsável por mudanças na maioria dos prefixos, com exceção da 2sg e a 1pl.exclusiva, que

permanecem com suas formas originais, {e-} e {oce-}, respectivamente. Em outros exemplos de nomes, também iniciados pela vogal /i/, somente a 1sg exhibe a mesma variante /wu-/, mas esta variante alterna com outra, /o-/, no mesmo contexto morfológico. Essa não obrigatoriedade na escolha de um ou outro alomorfe pode indicar que a alternância, na 1ª pessoa singular, esteja em transição de uma regra com motivação lexical para outra puramente fonológica. Quanto aos demais alomorfes, trata-se de alternância morfofonológica e, no caso específica da 3ª pessoa, temos um caso de alomorfia supletiva forte, pois /su-/ não guarda nenhuma semelhança fonética com as demais variantes de {i-}, a saber, /i-, y-/. A inserção da vogal /e/ nos prefixos de 1ª pl. inclusiva, {wuy-} → /wuye-/, e 2pl, {ey-} → /eye-/, também pode ser considerada morfofonológica, pois o ambiente no qual a regra se aplica exige menção ao item lexical “pé”.

Um outro exemplo de alternância supletiva forte é observado com o nome inalienável {-eu} ‘pulmão’ e a 3ª pessoa. Apesar de ser um nome inalienável, recebe a mesma série de prefixos que ocorre em nomes alienáveis, como se pode ver nos exemplos em (8). Nesse caso, a variante selecionada é /c(e)-/, enquanto que, com os demais nomes obrigatoriamente possuídos, as variantes são, geralmente, /i-, y-/. Este caso também pode ser considerado um tipo de alomorfia supletiva forte, dada a distância fonética entre os alomorfes.

(9)	{-eu}	‘pulmão’	{kobe}	‘canoa’
a)	w-eu	‘meu pulmão’	w-e-kobe	‘minha canoa’
b)	Ø-eu	‘teu pulmão’	ø-e-kobe	‘tua canoa’
c)	c-eu	‘pulmão dele(a)’	c-e-kobe	‘canoa dele(a)’
d)	wuy-eu	‘nosso (inc.) pulmão’	wuy-e-kobe	‘nossa (inc) canoa’
e)	oc-eu	‘nosso (exc.) pulmão’	oc-e-kobe	‘nossa (exc) canoa’
f)	ey-eu	‘pulmão de vocês’	ey-e-kobe	‘canoa de vocês’
g)	c-eu ip	‘pulmão deles(as)’	c-e-kobe ip	‘canoa deles(as)’

Uma observação que cabe ressaltar é que a língua Mundurukú parece distribuir as formas variantes da 3ª pessoa predominantemente por critérios morfofonológicos. Esse é o caso também do alomorfe /t-/, que ocorre diante de nomes inalienáveis que pertencem à subclasse de nomes inalienáveis iniciados por /d/ ou /n/. Essas consoantes são mantidas nas outras pessoas, como nos exemplos em (10).

(10) /t-/ ‘3sg./pl.’ diante de nomes inalienáveis que iniciem pelas consoantes /d/ e /n/

a)	daxit	‘filha’	t-axit	‘filha dele(a)’
			o-daxit	‘minha filha’
			e-daxit	‘tua filha’
b)	dao	‘perna’	t-ao	‘perna dele(a)’
			o-dao	‘minha perna’
			e-dao	‘tua perna’
c)	nũy	‘dente’	t-ũy	‘dente dele(a)’
			o-nũy	‘meu dente’
			e-nũy	‘teu dente’

Essa diferença na marcação da 3ª pessoa levou Crofts (1985) a considerá-la uma subclasse de nomes; já Gomes (2006), trata /t-/ como um prefixo relacional de não contiguidade, como visto anteriormente. Embora haja proximidade fonética entre /t/ e as consoantes originais, /d, n/, não se trata de uma simples regra de desvozeamento dessas consoantes. Picanço (2003, 2005) mostra que a regra de desvozeamento envolve ambientes fonológicos específicos, ou seja, depende do segmento que precede a consoante, como nos exemplos em (11). Os exemplos (11a-b) mostram que /t-/, enquanto marca de 3ª pessoa Possuidor, permanece [t]; e aqueles em (11c-d) mostram que /d/ só muda para [t] se precedido por uma consoante, (11d), mas permanece vozeado quando precedido por vogal, (11c).

(11) /t-/ resultante de alternância morfofonológica versus /t/ resultante do processo de desvozeamento de /d, n/. (Exemplos extraídos de Picanço 2005)

a)	t-doy	toy	‘sangue dele(a)’
	3-sangue		
b)	o-t-dak̄at	otak̄at	‘Cortei-o.’
	Su-3Ob-cortar		(p. 373- Trad. nossa)
c)	tawé	doy	‘sangue do macaco’
	macaco	sangue	
d)	dápsém	toy	‘sangue do veado’
	veado	sangue	(p. 260- Trad. nossa)

Com base esta análise e apoiando-nos na teoria Haspelmath e Sims (2010), classificamos alomorfas como alternâncias automáticas ou morfofonológicas. As alternâncias automáticas são aquelas que têm maior proximidade entre as formas e são condicionadas fonologicamente, como é o caso da 1sg {o- ~ w- ~wu-}, 2sg {Ø- ~ e-} e da 3sg {i- ~y-}, como mostra o quadro:

Quadro 6: resumo dos tipos de alomorfes da língua Mundurukú

	Alternâncias automáticas		Alternâncias morfofonológicas	
	Alomorfia fonológica		Supletiva fraca	Supletiva forte
1SG	o-, w-, wu-		wu-	
2SG	Ø-, e-			
3SG/ PL	i-, y-			su-, t-, c-
1PL inc.	oc-,oce-			
1PL exc.			wuy-, wuye-	
2 PL			ey-, eye-	

Elaborado pelo autor com base da teoria de Haspelmath e Sims (2010)

A 2sg e 1pl.inc. as alomorfas também são consideradas como alternâncias fonológicas já que se tratam de mudanças provadas pelo processo de apagamento do segmento /e/ diante de nomes que iniciam por /a/ (e /e/ na 1pl). Quanto às alternâncias morfofonológicas, consideramos as alternâncias que tenham condicionamento morfológico ou lexical e as classificamos quanto ao nível de proximidade. São supletivas fracas aquelas que têm alguma similaridade, mas não são explicadas por questões fonológicas, como é o caso do prefixo da 1pl.exc. {wuye-} que, apesar de semelhante, é motivado pelo item lexical {i-} ‘pé’, assim como o prefixo da 2pl {eye-}. Classificamos como alternâncias supletivas fortes os prefixos da 3sg/pl {c- ∞ su- ∞ t-}, pois todas se diferem drasticamente dos demais prefixos da 3 sg/pl {i- ~y-} e são motivadas pelo componente morfológico ou lexical. Quanto ao prefixo {wu-}, que aparece diante nomes iniciados pela vogal /i/, exceto em nomes não derivados do nome {i-} ‘pé’, varia de com o alomorfe /o-/ o que parece indicar uma transição de uma regra com motivação lexical para puramente fonológica como mencionado anteriormente.

5. Considerações finais

Os prefixos pessoais da língua Mundurukú apresentam diferentes tipos de alomorfias e condicionamentos e foram classificados seguindo a classificação de Haspelmath e Sims (2010). Desta forma, levamos em consideração se os alomorfes são foneticamente próximos ou afastados e seus ambientes de ocorrência. Concluiu-se que existem alomorfias fonológica, morfológica e lexicalmente condicionadas.

Entre as alomorfias dos prefixos pessoais que são fonologicamente condicionadas, ou seja, que são distribuídas por regra de pronúncia, estão os prefixos da 1sg {o- ~ w- ~ wu-} e da 3sg {y-~ i-}, pois apresentam similaridade fonética por pertencerem a uma classe natural e são motivadas por um determinado segmento inicial dos nomes, logo, foram classificadas como alternâncias automáticas. Algumas dessas alternâncias, além de dependerem do segmento inicial, também variam dependendo do padrão das sílabas como, por exemplo, os nomes que iniciam com a vogal /e/: se esses nomes possuem mais de uma sílaba, aparecem com o prefixo {w-}; e se são monossilábicos, aparecem com o prefixo {o-}.

Por outro lado, mostramos casos de alomorfes que não apresentam qualquer similaridade entre si, mostrando distanciamento fonético, como é o caso dos alomorfes da 3sg {ce- ∞ su- ∞ t-}. Tratam-se de alternâncias morfofonológicas, pois não são mudanças naturais. Entre essas alomorfias está o alomorfe do prefixo {t-}, que acompanha nomes inalienáveis iniciados por /d/ ou /n/, e também o prefixo {c-} que acompanha nomes alienáveis e o nome inalienável {-eu} ‘pulmão’. Quanto ao alomorfe {su-}, na classe dos nomes, ele só aparece com nomes que são derivados de “i” (pé), assim como os prefixos da 1pl exc. 2 pl {wuye- } e {eye-}, respectivamente, por isso são considerados alomorfes lexicalmente condicionados.

Assim, concluímos que os prefixos pessoais relacionados aos nomes da língua Mundurukú variam dependendo do segmento inicial dos nomes, do padrão silábico, do item lexical e também da classe dos nomes (alienável e inalienável).

Referências

- Abreu, Natali Nóbrega. 2022. *Análise das alomorfias dos prefixos pessoais em nomes da língua Mundurukú (Tupí)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará. (em progresso).

- Anderson, S.R. 1992. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aronoff, Mark. 1976. *Word formation in generative grammar*. MIT Press, Massachusetts: Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts.
- Borella, Cristina de Cássia; Santos, Eneida Alice Gonzaga .2011. *Relatório do Levantamento SócioLinguístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal*. Manaus: UFAM.
- Chappel, Hilary; Mcgregor, William. 1996. *The Grammar of Inalienability, A Typological Perspective on Body Part Terms and the Part-Whole Relation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Crofts, Marjorie. *Gramática Mundurukú*. 1973. Cuiabá-MT: Publicação da Sociedade Internacional de Linguística.
- Crofts, Marjorie. 1985/2004. *Aspectos da Língua Mundurukú*. Cuiabá, MT: Sociedade Internacional Linguística.
- Gomes, Dionei Moreira. 2006. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (tupí)*. (Tese de Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3754>
- Harris, Zellig S. 2004. *Morpheme alternants in linguistic analysis*. In Katamba, Francis. (ed.), *Morphology: Critical Concepts in Linguistics*, /27-39. Londres & Nova York: Routledge. Originalmente publicado em: *Language* 18 (1942): 169-180.
- Haspelmath, Martin; SIMS, Andrea D. 2010. *Understanding Morphology*. London: Hodder Education.
- Brasil. 2021. *O Brasil Indígena*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE) Encontrado em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>
- Lieber, R. 1982. *Allomorphy*. *Linguistic Analysis*. 10:27-52.
- Nichols, Johanna. 1988. On alienable and inalienable possession. In: *In Honor of Mary Hass*. University of California, Santa Cruz. Mouton de Gruyter, Berlin-New York- Amsterdam.
- Picanço, Gessiane.2003. Projeção de argumentos dos nomes em Mundurukú. In D. G. da Silva (ed.), *Anais do II Encontro do Grupo de Estudos Linguísticos do CentroOeste (GELCO)*, Vol. 1. Goiânia: Universidade de Goiânia. 118-125.

Picanço, Gessiane. 2005. *Mundurukú: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony*. (Tese de Doutorado). Columbia, Canadá: University of British.

Picanço, Gessiane. 2012. *Introdução ao Mundurukú: fonética, fonologia e ortografia*. Universidade Federal do Pará: Cadernos de Etnolinguística. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/mono:3>

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Socioambiental, Instituto. Povo Mundurukú. Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

Socioambiental, Instituto. Línguas - Povos Indígenas no Brasil <https://pib.socioambiental.org/pt/Ling>.